

Esquema de segurança afasta população de Durban do evento

Centro de convenções foi isolado a fim de garantir a tranquilidade dos participantes da reunião

DURBAN — A população negra da terceira maior cidade sul-africana, de 1,2 milhão de habitantes, acompanha à distância, oscilando entre a indiferença e a hostilidade, a movimentação da 3.ª Conferência Mundial contra o Racismo, com a presença de mais de 17 mil delegados e observadores, contando reuniões e fóruns paralelos.

A indiferença explica-se pelo forte esquema de segurança, que isolou as ruas que dão acesso ao Centro Internacional de Convenções (ICC), por onde ninguém passa sem crachá de identificação fornecido pela organização da conferência, após rigorosa checagem dos dados sobre os participantes, sejam eles convidados, funcionários ou jornalistas.

Tanto cuidado tem razão de ser: da lista de chefes de governo e de Estado para a abertura constavam nomes dos presidentes de Cuba, Fidel Castro, da República Democrática do Congo, Joseph Kabila, e do comitê executivo da Autoridade Palestina, Yasser Arafat.

A hostilidade é perceptível no olhar das pessoas, especialmente os brancos, que encaram com indisfarçada irritação a presença de tantos negros estrangeiros num país que há poucos anos vivia em regime de apartheid — a segregação oficial que mantinha a maioria negra à margem da rotina de cada dia e da história.

Os brancos são 3,5 milhões neste país de 44 milhões de habitantes.

A designação de Durban para sede da conferência parece não agradar os sul-africanos de origem européia, por essa escolha soar como uma homenagem ao fim do apartheid e à reabilitação de Nelson Mandela. "O apartheid só acabou no papel", disse um comerciante suíço radicado na África do Sul, apontando as dificuldades de relacionamento que ainda existem entre brancos e negros.

Discriminação — Nas últimas semanas, houve manifestações contra brancos e outras minorias raciais, as de origem india e chinesa. Não existe mais discriminação oficial, mas os grupos estão separados na prática. Ainda que não fosse por razões econômicas — também é

—, os negros não se misturam com brancos nas escolas públicas e continuam fazendo os serviços subalternos.

Além do inglês e do afrikaan (uma mistura de alemão e holandês), ensinados na escola, os sul-africanos têm mais nove idiomas oficiais de origem tribal. Durban, uma cidade portuária do Oceano Índico, é a capital do reino zulu, um enclave monárquico que congrega a maioria negra do sudeste do país.

A polícia tem negros e brancos que trabalham em grupos isolados e mal se falam. Esse contraste, que reflete a posição de minorias de origem árabe e judaica, deverá repetir-se hoje de manhã, numa grande marcha que terá participação maciça de estrangeiros vindos para conferência contra o racismo. (J.M.M.)

**A
PARTHEID
AINDA EXISTE
DE FORMA
VELADA**

AP



Ensaio de tolerância: cerimônia reuniu cristãos em uma vigília



Annan (C) fez a abertura, prestigiada por líderes de 15 países